



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

20106 - Resumo Expandido - Trabalho - 42ª Reunião Nacional da ANPEd (2025)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

O LIVRO COMO ARTEFATO CULTURAL NA FILOSOFIA PANECÁSTICA DE JACOTOT.

Suzana Lopes de Albuquerque - IFG- Instituto Federal de Goiás

Lenora Alfonso Gonçalves Falcão - IFG- Instituto Federal de Goiás

Na busca por fontes históricas que remontam à questão da instrução pública no período imperial brasileiro localizamos inúmeros vestígios sobre materiais e métodos de ensino de leitura e de escrita que compareceram nos relatórios de professores, inspetores e diretores gerais da Instrução Pública, presidentes de província, mapas de professores, compêndios, jornais, dentre outras fontes que, de certa forma, deixaram rastros sobre o cotidiano das escolas de primeiras letras.

Dentre estas fontes, Albuquerque (2023) apresentou uma luta de representações no campo do ensino da leitura e da escrita entre sujeitos que defendiam o Método Castilho elaborado pelo português António Feliciano de Castilho (1800–1875) e apoiadores do Ensino Universal - Filosofia Panecástica, elaborado pelo francês de Joseph Jacotot (1770-1840).

O objetivo deste artigo é darmos visibilidade à aventura pedagógica desenvolvida por Jacotot, em 1818, ao utilizar a versão bilíngue do livro *As aventuras de Telémaco*, de François Fénelon, como elo, como “laço mínimo de uma coisa comum” (Rancière, 2015, p. 18) entre o professor Jacotot e estudantes que não falavam a mesma língua. Neste artigo, propomos a analisar o livro como objeto e fonte de pesquisa; de uma forma específica nesta experiência pedagógica pedagógica, o de Fénelon, mas que poderia ser qualquer “outro livro” (Rancière, 2015, p. 40), uma vez que seu processo de escolha ocorrera de forma aleatória.

Para além da localização de fontes que apontam para a circulação do Ensino Universal de Joseph Jacotot no império brasileiro, como registra Albuquerque (2023), a presença de Telémaco em diferentes fontes da instrução pública no império brasileiro foi objeto de pesquisa de vários pesquisadores como Silva, Sena e Formiga (2021). Ademais, localizamos

nas fontes jornalísticas a circulação desta obra em diferentes províncias brasileiras, como na publicação do Gabinete Literário de Pernambuco (Diário de Pernambuco, 1841, p.112) em que o bibliotecário indicara aos sócios a chegada desta obra.

Neste escrito será abordada a experiência pedagógica de Joseph Jacotot com seus aprendizes holandeses em relação à Língua Francesa. O professor utilizou o livro “As aventuras de Telêmaco”, do escritor Fénelon, para introduzir os estudos do francês para um grupo de estudantes que nunca tinham tido o contato com o idioma. Logo, foi possível compreender que o clássico de Fénelon possibilitou uma prévia conexão dos sujeitos com o conhecimento anteriormente ignorado, algo que iniciou um processo de aprendizagem diferenciado em relação ao sujeito e o texto escrito, ficando a seguinte pergunta: qual a potência do livro na experiência pedagógica emancipadora proposta por Joseph Jacotot?

Trata-se, portanto, de um trabalho metodológico com fontes históricas que circularam, em alguma medida, nas práticas e representações na instrução pública no império brasileiro.

### **1. A experiência pedagógica mediada pelo livro *Télémaque*, de Fénelon, na filosofia Panecástica de Joseph Jacotot.**

A filosofia Panecástica criada por Joseph Jacotot (1770-1840) propôs uma viragem na relação professor-aluno ao defender a função social de um mestre que, a despeito de ser o detentor do conhecimento, vislumbra a igualdade de oportunidades e a emancipação intelectual como fundamentos no processo educativo, substituindo os princípios do autoritarismo e pedantismo pelos direitos da razão humana. Essa nova proposta foi evidenciada nos estudos de Rancière (2015) que trouxeram o conceito de mestre de Jacotot como “ignorante”, por não colocar-se na posição de explicador e de superioridade em relação ao discente, atuando, antes, como alguém que estimule o aprendizado a partir do reconhecimento da igualdade intelectual entre ambos e valorizando as relações intelectuais estabelecidas pelo próprio aluno.

A Filosofia Panecástica foi definida e defendida no periódico brasileiro *A Sciencia*, que circulou durante os anos de 1847 e 1848 com o intuito de divulgar a homeopatia à elite intelectual do Rio de Janeiro, capital do império, tinha como princípio “ensinar aquilo que desconhece” a partir da máxima da analogia, aprendendo uma coisa e a ela relacionando todo o resto sem a racionalização de todos os passos por um mestre explicador, compareceu nas fontes no império brasileiro.

Proclamou então o Sr. Jacotot esta máxima —quem quer pode—, como meio de suceder em todo o trabalho intelectual, máxima esta posta em prática por todos aqueles que querem neste mundo efetuar coisas grandes; máxima que, quando faz as vezes de uma mola escondida, fez que, em

todos os casos, inspira aos alunos uma justa confiança em si, e os anima para perseverar afim de colherem o fruto de seus trabalhos [...] Aprender ou saber alguma coisa, e a ela referir todo o resto. —Tudo se acha em qualquer coisa .—Todas as Inteligências são iguais. —Pode-se ensinar aquilo que se ignora.—Isto quer dizer simplesmente que quem quiser, seja quem for, pode tendo confiança em si e vontade, verificar se uma outra pessoa sabe o que tem aprendido”(A Sciencia, 1848, v.2, n.16, p.194).

Rancière (2002) apresenta a aventura intelectual de Jacotot que ensinou seus estudantes holandeses mesmo desconhecendo a língua de seus alunos, o flamengo, e a despeito dos mesmos não conhecerem sua língua, o francês. Portanto, nesse desafio pedagógico percebeu a necessidade de encontrar um ponto em comum para começar a caminhada da aprendizagem, sendo escolhido o livro clássico *As aventuras de Télémaque*”, escrito em edição bilingue, como o elo entre os sujeitos e a língua. O resultado dessa prática docente foi surpreendente para Jacotot, pois os estudantes desenvolveram excelentes avanços na compreensão do francês, apesar de não terem tido uma prévia explicação sobre conhecimentos gramaticais ou linguísticos.

Ele esperava um dilúvio de barbarismos, e até talvez uma absoluta impossibilidade de exprimirem-se. E com efeito, como podiam estes moços, privados de explicações, reduzidos a si mesmos, compreender e resolver as dificuldades de uma obra inteiramente nova para eles? Embora; era necessário conhecer até onde eles tinham chegado por este novo caminho que o acaso tinha trilhado, quais os resultados deste empirismo desesperado. Qual não foi a admiração do Sr. Jacotot ao descobrir que estes alunos, sem outro guia, sem outros recursos, que a sua reflexão individual, tinham desempenhado a sua árdua tarefa tão bem como o poderiam ter feito muitos franceses! As explicações então tornavam-se desnecessárias? Por ventura bastaria querer para poder? (A SCIENCIA, 1848, v.2, n.16).

Em continuidade, Rancière (2002) discorre sobre como o próprio Jacotot acreditava ser a principal maneira de lecionar: o mestre explica e o aprendiz absorve o que foi explicado, o que ele chamou de “método da impotência” ou simplesmente “*Velho*”.

Se eles haviam compreendido a língua ao aprender Fénelon, não era simplesmente pela ginástica que compara uma página à esquerda com uma página à direita. Não é a aptidão de mudar de coluna que conta, mas a capacidade de dizer o que se pensa nas palavras de outrem. Se eles haviam aprendido isso com Fénelon, é porque o ato de Fénelon escritor era, ele próprio, um ato de *tradutor*: para traduzir uma lição política em um relato lendário (Rancière, 2002, p. 28).

Dessa maneira, ele percebeu que após a mediação por meio do livro, e pelo princípio da

analogia entre os conhecimentos já estabelecidos pelos estudantes, apesar de não terem a *ordem explicadora* do mestre, foram capazes de aprender algo novo. “A inteligência que os fizera aprender o francês em *Telêmaco* era a mesma que os havia feito aprender a língua materna: observando e retendo, repetindo e verificando, associando o que buscavam aprender àquilo que já conheciam, fazendo e refletindo sobre o que haviam feito (Rancière, 2002, p. 28)

Por fim, a máxima de Jacotot “Tudo está em tudo” remete à potência da analogia, a partir de uma experiência em que o mestre ignorante, nas palavras de Rancière, não impõe seus saberes aos seus aprendizes na contramão do embrutecimento que consiste, fundamentalmente, “nesta aceitação a priori da desigualdade das inteligências, mesmo que seja combatida pelo “ideal” – mantido por muitos movimentos de pedagogias ativas e inovadoras – de alcançar uma equalização de inteligências” (Sévérac, 2011, p. 104).

## **2. O livro como palco de um experimento pedagógico: A emancipação dos textos e a libertação dos livros na pedagogia de Jacotot.**

Segundo Albuquerque (2023), o princípio pedagógico do Ensino Universal criado por Jacotot referia-se à categoria da analogia, entendida como o ato de aprender algo e, a partir desse saber, relacionar todo o resto.

Dessa forma, o ideal emancipatório e a defesa de Jacotot que todos são capazes de aprender relacionando o “todo” da atividade humana em cada manifestação individual apresenta a potência do livro e dos próprios textos lidos pelos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, pois a experiência apresentou “usos e extensões surpreendentes que a filosofia educacional de Joseph Jacotot abriu ao romance de Fènelon (Vergnioux; Lamarre, 2003, p. 129).

De acordo com estudos de Bingham (2022) é importante pensar na autonomia dos próprios livros como integrante de todo esse pensamento de Jacotot sobre a educação; apesar de não possuírem em si o poder de libertar sujeitos das amarras engessadas da mera explicação, por meio da ação docente em permitir o texto se autodeclarar, é possível garantir a autonomia de quem o lê.

Bingham (2022) apresenta tentativas de proibição de leituras e vulgarização de conhecimentos devido às crenças equivocadas sobre a periculosidade das palavras em diversos momentos históricos, em recorrentes tentativas de impedir a leitura de textos fundamentadas na ideia simplista de não acreditar na inteligência dos indivíduos na interpretação das palavras. Na contramão deste embrutecimento, para Jacotot e sua Filosofia Panecástica defendida por Jacotot, todos possuem capacidades necessárias para aprender e, assim, os livros enquanto artefato de mediação, necessita também emancipar-se, não

necessariamente sendo explicado por um docente, “pois ele é um produto da linguagem, o qual tem como característica falar por si mesmo, assim como pessoas falantes não precisam de um explicador para suas palavras” (Bingham, 2022, p. 390).

Logo, a relação que pode ser estabelecida com os textos e os professores em um contexto emancipatório não pode ser reduzida a simplesmente aspectos metodológicos e explicativos, visto que a ação docente na experiência pedagógica proposta por Jacotot está na afirmação de que todos são capazes de interpretar os conhecimentos oriundos dos textos. Dessa forma, a emancipação vislumbrada na ação pedagógica bem como a emancipação do livro, enquanto artefato cultural, nas aventuras educacionais de Joseph Jacotot no século XIX ressoam como potência para uma prática fundamentada na contramão do embrutecimento.

### **Considerações finais**

Esse trabalho possui a potência de desvelar, dentre permanências e rupturas, o contexto e tempo de produção do pensamento de Jacotot que fundamenta-se na defesa pelo reordenamento da autoridade na sala de aula e das relações pedagógicas, a partir da experiência pedagógica fundamentada em sua Filosofia Panecástica, trazendo o livro emancipado como desafio para a prática docente.

A circulação deste ideal no império brasileiro levou-nos a estabelecer uma rede de estudos acerca de um pensador do século XIX. Apesar de comparecer nas fontes históricas brasileiras como uma disputa metodológica no campo da leitura e escrita, sabe-se que a potência desta filosofia está na busca pelo “todo”, não enraizado apenas em métodos que se autodenominam como rápidos, certos e com resultados evidentes. O princípio de compreender o livro como objeto cultural e relevante no processo de emancipação dos indivíduos foi vislumbrado neste artigo a partir de uma experiência que trouxe à este artefato emancipado, um espaço de experimentações, potência, usos e expressões surpreendentes.

### **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro: Antônio Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot. São Paulo: Editora UNESP/SBHE, 2023 [Coleção Diálogos em História da Educação].

ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de; SÉVÉRAC, Pascal. (2025). Entretien avec Pascal Sévérac. *Educação Em Foco*, 30(1), e30008. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2025.v30.46731>. Acesso em: 20.mar.2025.

A SCIENCIA. Revista Synthetica dos Conhecimento Humanos, Rio de Janeiro, v.2, n.16. Setembro, 1848. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?>

bib=730076&pagfis=195. Acesso em: 24abril.2024.

BINGHAM, Charles. O livro emancipado na escola. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de [Org]. *Jacques Rancière e a escola: educação, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022, p. 385-402.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Ano 1841, Edição 112 (1), p. 3. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_02&pesq=telemaque&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1728](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&pesq=telemaque&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1728). Acesso em: 15dez.2024

FÉNELON, F. S. D. L. M. As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses. São Paulo: Madras, 2006.

JACOTOT, Joseph. Droit et Philosophie Panécastique par J. Jacotot. Paris: Nouvelle Édition, 1852.

RAISKY, Claude. Joseph Jacotot: Le pédagogue paradoxal. Dijon, Editions Raison et Passions, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, 3. ed.

SÉVÉRAC, Pascal. La position du maître: enseigner, abrutir, émanciper. Rue Descartes, 2011/1 (nº 71), p.102-108. Éditions Collège International de Philosophie.

SILVA, Helcia de Carvalo Diniz; SENA, Fabiana; FORMIGA, Girlene Marques. *As aventuras de Telêmaco: uma obra beletrista no Lycêo Parahybano no século XIX*. Revista Humanidades e Inovação, 2021, v.8, n.34

VERGNIoux, Alain; LAMARRE, Jean-Marc. *Les Aventures de Télémaque: trois siècles d'enseignement du français*. Dans Le Télémaque. Éditions Presses universitaires de Caen: 2003/2, n ° 24, p. 127-136.